



4288 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT04 - Didática

Instrumentos avaliativos em aulas de Biologia

Carlos Bruno Cabral de Oliveira - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Thaliana Cruz Dantas - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Mariana Guelero do Valle - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Objetivamos identificar os instrumentos avaliativos utilizados por professores em aulas de Biologia. Para isso, realizamos observações de aulas e entrevistas com docentes de uma escola pública. Identificamos instrumentos avaliativos variados, com predominância da prova escrita, seja por reflexo de práticas tradicionais de professores antigos, ou por imposição da instituição escolar. Entendemos a variedade de instrumentos como favorável tanto aos educandos, proporcionando-lhes um ensino mais dinâmico, quanto aos professores, para melhor conhecerem seus alunos. Dessa forma, evidenciamos a necessidade de uma maior atenção à temática avaliação a fim de romper com práticas presas a tradições, tal como a prova escrita enquanto instrumento avaliativo padrão, e que pouco favorecem uma educação mais individualizada.

Palavras-chave: Prática docente. Avaliação. Formação de professores.

INSTRUMENTOS AVALIATIVOS EM AULAS DE BIOLOGIA

Introdução

Nas aulas de Biologia, é esperado que o aluno consiga lidar com os diferentes aspectos de uma problemática, desde seu reconhecimento à busca e aplicação de soluções, bem como comunicar e discutir os resultados obtidos (BIZZO, 2012). Tendo isso em vista, nas aulas de Biologia, a avaliação pode desempenhar papéis importantes para a aprendizagem dos educandos.

Tradicionalmente, desde as pedagogias dos séculos XVI e XVII, a avaliação escolar está baseada nas quantificações dos rendimentos dos alunos pelo professor, notas essas geralmente obtidas por meio de exames escritos e somadas para gerar uma média. Tal concepção de avaliação é conhecida como somativa, a qual determina se o aluno está apto para seguir para o próximo nível de ensino ou deve repeti-lo (LUCKESI, 2008).

Em contrapartida, surge em meados do século XX a concepção formativa de avaliação, uma tentativa de romper com as tradições de quantificações e notas. Essa avaliação acontece por meio de diagnósticos e constante observação, em que aspectos qualitativos são levados em consideração. Nela, o foco deixa de ser a geração de médias e classificações para dar espaço à orientação e otimização das aprendizagens (PERRENOUD, 1998).

Percebe-se, então, que as práticas avaliativas desempenham um papel central nos processos educacionais, desde o planejamento, escolha de conteúdos e metodologias até a regulação de demais processos e a formação de professores. Visto o alcance dessa temática, é necessário um aprofundamento nas discussões sobre tais práticas docentes. Com base nessas questões, então, objetivamos identificar os instrumentos avaliativos utilizados por professores em aulas de Biologia.

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caso com abordagem qualitativa. Para Lüdke e André (1986), em um estudo de caso procura-se conhecer as particularidades de uma realidade, sendo o estudo realizado no espaço natural da situação pesquisada, a qual é complexa e contextualizada. A pesquisa qualitativa é caracterizada, de acordo com os autores citados, pelo grande volume de dados descritivos, a preocupação em relatar a visão dos sujeitos de pesquisa e seu foco mais voltado ao processo do que ao produto.

A pesquisa ocorreu em uma escola estadual de ensino médio de São Luís, MA, com os três professores de Biologia da instituição. Os docentes aceitaram participar por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, com suas identidades preservadas e, por isso, identificados por meio das siglas P1, P2 e P3.

De início, foram realizadas observações das aulas dos três professores, para melhor entendimento do contexto escolar e, principalmente, do ambiente no qual as avaliações eram feitas. Finalizadas as observações, foram conduzidas entrevistas individuais com tais professores, as quais foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para que os dados pudessem ser submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin (2011). De acordo com a autora citada, a Análise de Conteúdo acontece em três etapas: primeiramente, a pré-análise, em que ocorreu a leitura flutuante, a preparação do material de análise e a delimitação do *corpus*; em seguida, na exploração do material, foram delimitadas as unidades de registro, por meio do tema "avaliação", e das unidades de contexto, por meio dos parágrafos; por fim, ocorreu a última etapa, a interpretação dos resultados, marcada por inferências e discussões dos dados analisados.

Resultados e discussão

Finalizada a análise dos dados das entrevistas, organizamos os resultados obtidos em no indicador Instrumentos, no qual foram reunidos os recursos que os entrevistados afirmaram utilizar em suas avaliações, conforme pudemos observar nas seguintes falas:

Os instrumentos físicos que eu coloco é a escrita, participações no caso da aula [...] aí vai do professor identificar antes de chegar o final do ano e fazer medidas, como exercícios, debates, trabalhos, roteiros de estudo, que são exercícios que gente faz em sala de aula, entendeu, simulados, essa forma ajudar o aluno a entender o conteúdo e não fazer aquele conteúdo como uma nota (P1).

Eu faço avaliação tanto na questão qualitativa, a qualidade do aluno, a presença, a participação, as atividades dele, e também a outra avaliação, a avaliação objetiva [...] nós temos vários projetos aqui no colégio que nós já fizemos ou que vamos executar, utilizar como ajuda na média do aluno (P2).

Eu utilizo trabalhos em sala de aula, eu utilizo participação em grupos individuais, a participação individual também, provas objetivas, provas subjetivas [...] a prova em si, uma prova objetiva que a gente tem que fazer porque a escola pede. Se você não fizer uma prova objetiva, uma prova escrita, né, eles vão dizer "esse professor não faz". Então isso me inquieta muito de a maneira de avaliar, ela às vezes é criticada também, entendeu, de cada professor (P3).

Pudemos notar uma ampla variedade de instrumentos avaliativos citados nas falas dos professores, desde instrumentos mais tradicionais, como a prova e demais produções escritas, até projetos debates. As tradicionais provas escritas podem configurar-se como um bom instrumento quando se tem como finalidade da avaliação conhecer os resultados em relação aos conteúdos factuais. Todavia, quando se pretende avaliar os conteúdos procedimentais e atitudinais, esse tipo de instrumento avaliativo pode não ser a melhor escolha (ZABALA, 1998). Assim, em teoria, a variedade de instrumentos usados para a avaliação pode promover um processo de ensino em que os alunos estariam em posição mais ativa, uma vez que estes não estariam apenas reproduzindo o que foi abordado durante as aulas. Para isso, é necessário que os instrumentos estejam de acordo com aquilo que se pretende avaliar.

Outro destaque das falas dos entrevistados é como as médias numéricas foram mencionadas. Na fala de P2, por exemplo, é relevante apontar como o professor menciona os diferentes instrumentos avaliativos que utiliza com a finalidade de supostamente ajudar os alunos a terem uma média maior. Durante o ano letivo, as instituições de ensino concedem muita importância às notas, principalmente a atingir as médias mínimas, mas geralmente sem se importar em como essas notas são alcançadas. Assim, o aspecto diagnóstico da avaliação, a favor dos ajustes dos processos escolares, é deixado de lado (LUCKESI, 2008). Dessa forma, a variedade de instrumentos com a finalidade de aumentar as médias dos alunos reflete os aspectos mais tradicionais da concepção somativa de avaliação: a quantificação dos rendimentos e a soma de notas para a aprovação dos alunos, desconsiderando-se os aspectos qualitativos.

Na fala de P3, destacamos o incômodo que o entrevistado apresentou em relação à imposição, por parte da escola, de que a prova seja utilizada para avaliar. Para Perrenoud (1998), a prova é entendida como um fardo tanto para professores, que têm de elaborar, corrigir e gerar acertos de notas, assim como para os alunos, que lhes representa temores e estresses. Assim, a imposição de um instrumento tão tradicional, conforme P3 relatou experienciar, pode ser fonte de desconfortos tanto para o profissional quanto aos educandos e, contraditoriamente, é nessa perspectiva que as provas geralmente assumem o posto de instrumento avaliativo padrão nas instituições de ensino.

Entretanto, o incômodo demonstrado por P3 não foi compartilhado por todos os demais professores. P1, que anteriormente havia dito que procura replicar o tradicionalismo de seus antigos professor, quando questionado se alguma coisa o incomoda na avaliação escolar, respondeu:

Não, não me incomoda (P1).

As respostas de P1 evidenciaram como as ações de professores formadores podem exercer influências sobre os entendimentos e as práticas docentes de um futuro educador. Ao tentar copiar o tradicionalismo por meio do qual foi ensino, P1 não demonstrou incomodar-se com as práticas avaliativas tradicionais que tendem a valorizar a escrita e a memorização, nem mesmo com a imposição de tais práticas em seu trabalho.

Conclusões

A avaliação é uma prática permeada por antigas tradições perpetuadas até hoje nas instituições de ensino. De um lado, há uma avaliação que insiste em instrumentos escritos, especialmente a prova, e tem como finalidade gerar notas para criar-se médias e aprovações; do outro lado, percebemos uma outra concepção de avaliação, mais recente, voltada aos aspectos qualitativos dos educandos e ao ajuste dos planejamentos, a qual vêm tentando ganhar cada vez mais espaço.

Nessa perspectiva, pudemos identificar nas falas dos professores entrevistados uma ampla gama de instrumentos avaliativos, incluindo desde as tradicionais provas escritas até projetos e debates. Entendemos que a utilização desses diferentes instrumentos é favorável tanto aos educandos, à medida que lhes é proporcionado mais dinamicidade e, conseqüentemente, um ensino menos enrijecido, quanto aos professores, que passam a obter novas e valiosas informações a respeito do desenvolvimento de seus alunos, o que não seria possível apenas quantificando rendimentos.

Ademais, destacamos desconforto de um dos entrevistados sobre a imposição, por parte da escola, para que os professores utilizem provas escritas em suas avaliações. Esse tipo de instrumento continua sendo, portanto, um fardo a alunos e professores, e a obrigatoriedade em utilizá-lo mostra-se um impedimento à inovações na prática docente. É importante, assim, que o professor goze de liberdade suficiente para definir quais instrumentos avaliativos serão utilizados em suas aulas, uma vez que é o professor quem melhor conhece os diferentes perfis de suas turmas e alunos.

Ainda assim, percebemos que a inovação nem sempre é almejada por todos os professores, com destaque à fala de um dos entrevistados que afirmou tentar copiar o tradicionalismo de seus antigos professores. Dessa forma, nos fica claro a necessidade de os cursos de formação darem maior atenção à temática avaliação a fim de romper com práticas presas a tradições e que pouco favorecem uma educação mais individualizada.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIZZO, N. **Metodologia do ensino de Biologia e estágio supervisionado**. São Paulo: Ática, 2012.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 1ª ed. São Paulo: EPU, 1986.

PERRENOUD, P. **Da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.